Conservação dos rebocos exteriores da Igreja de Nossa Senhora da Assunção

Sofia Salema

Arquitecta, Mestre em Conservação do Património Arquitectónico e Paisagístico, bolseira de doutoramento da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia), membro do CHAIA-UE (Centro de História de Arte e Investigação Artística, Universidade de Évora) e Técnica Superior da Direcção Regional de Cultura do Alentejo[1].

Resumo

Neste artigo apresentamos o caso prático da intervenção conservação dos rebocos exteriores da Igreja de Nossa Senhora da Assunção, antiga Sé de Elvas, promovida pela antiga Direcção Regional de Évora do IPPAR, presentemente substituído pela Direcção da Cultura do Alentejo.

Pretendemos sensibilizar, também, para o valor e para a situação de risco em que alguns destes rebocos exteriores se encontram e alertar para a necessidade de salvaguardar a sua autenticidade material.

A Igreja de Nossa Senhora da Assunção

A Igreja de Nossa Senhora da Assunção, antiga Sé de Elvas, classificada como Monumento Nacional, pode ser facilmente reconhecida pela forte presença da sua fachada que se impõe na Praça e na Paisagem.

A actual Igreja, cuja fundação é atribuída com alguma segurança ao ano de 1517[2] está implantada no local de uma anterior construção, possivelmente gótica. A autoria da obra

---

[1] A autora foi, desde 1995, técnica superior da Direcção Regional do Instituto Português do Património Arquitectónico e foi recentemente integrada no âmbito das restaurações do PRACE na Direcção Regional de Cultura do Alentejo, onde esteve até 2009. Exerce, funções de docente no Departamento de Arquitectura da Universidade de Évora.

[2] José Custódio Vieira da Silva (2004), p.1. ou Artur Goulart de Melo Borges (2005), p.1.

arquitectónica da Igreja de Nossa Senhora da Assunção de Elvas, embora muitas vezes atribuída a Francisco de Arruda, suscita, recentemente, dúvidas a alguns historiadores de arte[3]. No entanto, para José Custódio Vieira da Silva, a obra manuelina da Igreja matriz de Elvas "possui uma qualidade arquitectónica insuspeita, reveladora de um arquitecto experimentado"[4].

O reconhecimento do valor patrimonial deste monumento e a preocupação pelo seu estado de conservação motivaram a apresentação de uma candidatura ao Programa Operacional da Cultura, no ano 2000. A extensão da intervenção no monumento e os condicionalismos económicos inerentes justificaram o planeamento e faseamento em oito anos do Projecto de Conservação, Recuperação e Valorização da Sé de Elvas. O Projecto teve como objectivo recuperar o Monumento, melhorar significativamente as condições de acolhimento e de fruição pública do edifício e contribuir para o melhor conhecimento e divulgação dos seus valores patrimoniais. Nas diversas acções que se promoveram e realizaram, estiveram incluídas as intervenções de conservação na fachada principal e nas fachadas exteriores e cobertura da Igreja. No âmbito destas intervenções gostaríamos de focar a nossa abordagem apenas nas acções de conservação e restauro realizada nos rebocos exteriores.

Como estratégia de acção, o antigo IPPAR preparou dois concursos públicos para as empreitadas de Conservação da Fachada Principal e de Conservação e Restauro dos rebocos da antiga Sé de Elvas, os quais foram adjudicados à empresa Nova Conservação, (CP nº 85/IPPAR/E/03) ao empreiteiro António Serra Construções Lda (CP nº 53/IPPAR/E/04) respectivamente.

As intervenções decorreram autonomamente de acordo com a metodologia estabelecida no seu caderno de encargos. Durante um certo período de tempo as intervenções decorreram em simultâneo, embora cada uma das intervenções estivesse em fases distintas - a intervenção da fachada principal[5] estava na fase final, enquanto, que a dos rebocos se encontrava na fase inicial[6]. Este facto permitiu que fossem afinadas metodologias e

---

[3] José Custódio Vieira da Silva (2004), p.1-4.

[4] José Custódio Vieira da Silva (2004), p. 12

[5] A intervenção de conservação da Fachada Principal decorreu entre Julho de 2005 a Abril de 2006.

[6] A obra de conservação dos Rebocos decorreu entre Outubro de 2005 a Outubro de 2006.

definidos *modus operandi* para o tratamento dos rebocos históricos de acordo com os resultados entretanto obtidos na acção de conservação dos rebocos da pirâmide postos a descoberto durante a obra de conservação da fachada principal.

Intervenção nos rebocos da torre piramidal

Relativamente ao estado de conservação da Igreja, exteriormente, a Fachada Principal era sem dúvida um dos locais mais problemáticos, quer pelo grau de alteração do material pétreo e pela não funcionalidade das juntas, quer pelo significado arquitectónico que esta fachada tem no conjunto do monumento e na imagem da cidade.

A imponente e simbólica fachada da igreja de Nossa Senhora da Assunção é quase composta exclusivamente pela torre axial. De facto as dimensões da torre sineira são verdadeiramente grandes, pelo que formalmente a torre define, quase em exclusivo, a fachada principal do templo. Esta disposição axial da torre sineira não é usual no contexto do território nacional. Podemos encontrar paralelismos com a igreja da Madalena de Olivença, construída praticamente ao mesmo tempo e onde as soluções formais são idênticas.

Para José Custódio Vieira da Silva[7], não se revela fácil delinear as razões que terão originado esta tipologia de fachada, no entanto o autor refere que esta opção formal resulta primeiro de condicionalismos práticos, como a falta de espaço, embora não esconda a concepção simbólica, marcada pela imposição (quase) militar da torre axial. Note-se que a igreja de Nossa Senhora da Assunção, ao ser construída sobre uma igreja preexistente, não terá podido dispor de tanto espaço como aquele que seria porventura necessário para a implantação lateral de uma torre sineira. A torre sineira da igreja deverá ter sido a última parte da obra manuelina a ser erguida, em 1538, cuja pirâmide de remate terá sido contemporânea da sua conclusão (foto1).

[7] José Custódio Vieira da Silva (2004), p.14-19.

Foto 1 e 2: Igreja de Nossa Senhora da Assunção antes e durante a intervenção na Fachada Principal.

Durante a intervenção da fachada principal[8] (foto 2) verificou-se no topo da pirâmide, sob a camada de reboco final, não decorada, existia um reboco, decorado, que simula alvenaria de pedra aparelhada com a marcação em relevo da estereotomia das juntas das pedras (foto 3 e 4). De facto durante a preparação do concurso acima mencionado, usámos meios elevatórios para o diagnóstico do estado de conservação e registo dos materiais, mas nessa data e com esse equipamento e condições atmosféricas não nos foi possível observar vestígios da existência deste tipo de reboco decorado.

Foto 3: Estado de conservação inicial do reboco da torre piramidal da Fachada Principal.

Foto 4: Remoção do reboco não decorado. Sob este reboco surge um reboco, decorado, que simula alvenaria de pedra aparelhada.

[8] A intervenção de conservação dos rebocos históricos da cobertura piramidal da torre foi apresentada na Conferência Internacional intitulada Historical Mortars Confrenece HMC08 que decorreu em Lisboa, no LNEC, entre 24 e 26 de Setembro de 2008 e, publicada na revista Conservar Património (Dezembro de 2008), p. 39-47.

Após uma análise material e histórica realizada[9], considerámos que existiam fortes probabilidades de que este reboco, fingindo alvenaria de pedra, fosse um testemunho contemporâneo da época da construção da torre da Igreja, e como tal, pareceu-nos fundamental alterar os trabalhos previstos na empreitada de picar e rebocar cobertura piramidal da torre e optar por conservar e restaurar este revestimento enquanto um reboco histórico.

Assumindo como adquirida a condição *sine qua non* de conservar a matéria, como testemunho cultural, foi proposto à Nova Conservação alterar os trabalhos previstos na empreitada optando por conservar e restaurar esse revestimento histórico o qual deveria também manter a sua função protectora. Neste sentido, e porque nos encontrávamos em obra, optámos por seguir uma metodologia de *projecto em aberto*, constantemente analisada e validada de acordo com os dados que, eventualmente, viessem a ser descobertos durante o decorrer da investigação e da intervenção.

A existência de lacunas neste reboco histórico levou-nos a assumir, primeiro, uma atitude conservativa, respeitando os vestígios, enquanto expressão de um processo criativo de um dado momento histórico-cultural, e como documento material que acarreta a *patine* e os sinais do tempo. Só depois, foi ponderada a acção de restauro, que além de conservar os vestígios de reboco histórico deveria restituir à estrutura decorativa uma *clareza de leitura*.

Foto 5 e 6: Rebocos históricos simulando alvenaria de pedra após remoção das argamassas não decoradas.

[9] A Igreja de Nossa Senhora da Assunção é um caso de estudo do Projecto de Investigação "CATEDRAL" - Caracterização e Conservação de Argamassas Tradicionais Históricas de Edifícios (http:cathedral.lnec.pt) o qual mereceu o apoio da FCT.

A Conservação e restauro deste reboco decorreu entre Janeiro e Março de 2006 durante os trabalhos de Conservação Fachada e, embora esta acção tenham sido o resultado de factores imprevisíveis, conseguiu-se de modo exemplar conservar e restaurar o reboco histórico decorado. A intervenção compreendeu um conjunto de tarefas que seguidamente de enumeram:

1. Remoção das camadas de revestimento não decorado, degradado e não funcional. Esta tarefa permitiu verificar a extensão de rebocos decorados, assim como compreender o esquema decorativo e as técnicas de execução do reboco (foto 4, 5 e 6);
2. Realização de levantamento métrico e fotográfico da superfície, de modo a identificar e registar toda a extensão de reboco decorado (histórico), as técnicas de execução e o esquema decorativo;

Depois de realizadas estas tarefas foi nos possível analisar e verificar a extensão de reboco original e decidir que não só iríamos conservar todas as evidências históricas do reboco original, como também iríamos proceder à reintegração das lacunas com um revestimento decorativo semelhante.

3. Execução de testes experimentais para caracterização do reboco original permitindo definir propriedades mais adequadas do reboco de restauro, tanto do ponto de vista técnico como do estético (foto 7 e 8);

Foto 7: Ensaio de caracterização dos rebocos existentes (teste de absorção de água).

Foto 8: Preparação das argamassas de restauro.

4. Limpeza a seco e controlada das superfícies rebocadas;

5. Consolidação dos rebocos originais fragilizados de modo a permitir a aplicação das argamassas de restauro;
6. Aplicação do reboco de restauro nas lacunas. Nesta fase, foi muito importante o trabalho de equipa entre o grupo de técnicos de conservação e restauro e as empresas Fradical, Lda (especializada na preparação de argamassas de cal) e a Construtora J. M. Tripa e Filho, Lda, (firma com bastante experiência na execução de revestimentos de acordo com as técnicas tradicionais). Foram utilizados rebocos de cal aérea em pasta não hidrófuga e inertes calibrados. Na formulação e aplicação das argamassas de refechamento superficial por questões estéticas de integração cromática houve um cuidado especial na selecção dos inertes a nível de cromias e granulometrias, assim no acabamento final. O modo de execução do acabamento final do tipo"areado" permite que o inerte fique lavado e parcialmente exposto de modo a facilitar uma integração com os rebocos decorados originais envolventes (foto 9 e 10).

Foto 9: Aplicação do reboco de restauro.

Foto 10: Acabamento superficial do reboco de restauro.

7. Aplicação de um hidrófugo, à base de silicatos, como tratamento de protecção das superfícies contra as condições atmosféricas mais severas (foto 11).

Foto 11: Superfície arquitectónica depois da reintegração das lacunas e aplicação do hidrófugo.

Foto 12: Aspecto geral da superfície da pirâmide após a intervenção.

Intervenção nos restantes rebocos

As outras fachadas exteriores da antiga Sé de Elvas são marcadas por contrafortes (ou botaréus) que imprimem nos alçados o ritmo dos tramos do interior do edifício. Muitos destes contrafortes encontram-se hoje, parcialmente, ocultos pelas capelas laterais, que foram justapostas no século XVIII, no entanto, a sua estrutura é perfeitamente legível.

Os contrafortes são de pedra aparelhada, rematados por coruchéus em pirâmide de base quadrangular e estão dispostos sobre um pequeno corpo paralelepipédico. Curiosamente, estas pequenas estruturas são feitas em alvenaria rebocada simulando pedra e não em pedra propriamente dita. Este pormenor, aparentemente insignificante, não deixa apesar de tudo de se revelar coerente em termos da economia global do edifício, ou seja, além das funções estáticas (destinadas a exercer pressões verticais sobre o corpo dos contrafortes, de forma a equilibrar as pressões oblíquas trazidas pelos arcobotantes) e funcionais (destinadas a conduzir as águas pluviais da cobertura que descem sobre os arcobotantes e que são por fim expelidas pelas gárgulas) desempenha, também, funções estéticas (pelo facto do reboco imitar a pedra).

O estado de conservação dos rebocos exteriores fortemente atacados pela colonização biológica permitiu, apenas, que fossem observados, em fase de projecto, este tipo de decoração em alguns dos coruchéus (foto 13 e 14).

Foto 13 e 14: Aspecto geral dos coruchéus em pirâmide antes da intervenção, onde é perceptível o reboco decorado simulando alvenaria de pedra.

Neste sentido e conscientes que a intervenção dos rebocos se estendia a cerca de 1600m2 optámos utilizar estratégias e metodologias distintas para os rebocos não decorados (que ocupavam grandes áreas) e para os rebocos decorados (situações pontuais). No entanto, em ambas as situações, foi reconhecido o revestimento arquitectónico como sendo uma dimensão importante do património construído e considerado como partes integrante e indissociável da autenticidade material do Monumento.

A intervenção nos rebocos decorreu de Janeiro a Outubro de 2006 e compreendeu dois grandes conjuntos de tarefas: um primeiro conjunto, documental, de registo do estado de conservação e patologias e uma segunda fase referente à conservação material dos rebocos.

Relativamente à conservação das superfícies exteriores – à obra propriamente dita – começou-se pela: aplicação pontual de herbicida; seguida da limpeza preliminar das superfícies; remoção dos depósitos terrosos, plantas (após secagem) e colonizações biológicas mais densas e, posterior realização do tratamento biocida, para eliminar a biodegradação dos rebocos e pedra (foto 15). Nalgumas situações pontuais, em rebocos decorados que se apresentavam muito fragilizados, houve necessidade de fazer uma pré-consolidação durante esta fase de limpeza da superfície.

Foto 15: Durante a fase de limpeza e tratamento biocida da superfície dos coruchéus

Depois de realizadas estas tarefas foi nos possível analisar, verificar e registar fotograficamente e cartograficamente a extensão e localização de vestígios e/ou áreas de reboco decorado. Curiosamente, a extensão de reboco decorado simulando alvenaria de pedra era superior à visível em fase de projecto, permitindo-nos ter ideia mais clara dos conceitos estéticos de apresentação do Monumento. Os rebocos decorados surgiam, tanto na torre da fachada, como nos arcobotantes (foto 16), assim como, no cimo dos coruchéus,

como remate de estruturas em pedra aparelhada (foto 17). Este tipo de reboco surgia, ainda, em pequenos vestígios na cimalha (foto 18) e no remate posterior do corpo da torre da Igreja com as coberturas, embora em debilitado estado de conservação.

Foto 16, 17 e 18: vestígios de reboco decorado perceptíveis nos arcobotantes, nos coruchéus e na cimalha

A constatação deste facto reforçou a opção tomada anteriormente, para os rebocos históricos da torre piramidal, de conservar todas as evidências históricas de reboco original e proceder à reintegração das lacunas de modo a permitir restabelecer a *leitura* do monumento.

Neste sentido, seguindo uma metodologia semelhante à descrita anteriormente para os rebocos da torre piramidal, foram removidas cuidadosamente as argamassas sobrepostas mais recentes e não decoradas. Foram feitas as consolidações e fixações de rebocos com pouca coesão ou com falta de adesão ao suporte.

Na reintegração dos rebocos de restauro e no preenchimento de lacunas foi utilizada uma argamassa de cal aérea com inertes seleccionados cromaticamente. Em obra, constatou-se, que o reboco decorado, existente nos 10 coruchéus que rematavam os contrafortes em pedra, apresentava colorações bastante distintas entre si. Querendo evitar a utilização de aguadas coloridas para corrigir a integração cromática da argamassa, optou-se por utilizar uma argamassa bastarda de cal aérea em pasta e cal parda de fabrico tradicional[10] com inertes seleccionados de modo a permitir uma melhor integração cromática das argamassas de restauro (foto 19 e 20).

[10] Cozida nos fornos tradicionais de Barro Branco pelo Sr. Festas

Foto 19 e 20: Aspecto geral dos coruchéus após reintegração das lacunas

Nos restantes rebocos não decorados observava-se na superfície uma sobreposição de rebocos de diferentes épocas (muitos de reparação) que conferia um aspecto de "manta de retalhos" (foto 21 e 22). Os trabalhos, neste sentido, iniciaram-se removendo todos os rebocos não funcionais (degradados por falta de coesão e|ou adesão ao suporte) incluindo as de argamassas de cimento. Foram ainda, sempre que possível, removidas as argamassas de cimento, ainda funcionais, não só pelos problemas de compatibilidade com suporte que criam, mas também, por questões de integração. Durante esta fase, foram, também, removidos todos os materiais estranhos nomeadamente elementos metálicos sem funcionalidade.

Foto 21 e 22: Aspecto geral das fachadas laterais antes da Intervenção

Posteriormente, foi aplicado um reboco de cal aérea em pasta com inertes adequados, depois de realizados diversos ensaios *in situ,* tendo sido dado um especial atenção ao acabamento final da superfície de modo a que só fosse perceptível o novo reboco a curta distância (foto 23).

Nesta tarefa foi incluído, ainda, o tratamento de fracturas e fissuras existentes para que a água pluvial não se infiltrasse nas estruturas do monumento.

Foto 23: Superfície após aplicação do reboco, onde houve um cuidado especial no acabamento final para que permitisse uma correcta integração com os rebocos existentes (decorados ou não decorados)
Foto 24: Ensaios com vários pigmentos minerais naturais para a caiação final

Como acabamento final e funcionando como camada de protecção, toda a superfície de reboco não decorado foi caiada, através da aplicação de várias camadas de cal aérea, em direcções cruzadas, de modo a que a superfície resultasse homogénea e não fosse perceptível os diferentes rebocos. Depois de realizados diferentes ensaios optou-se por utilizar uma cal aérea hidrófuga com pigmento natural de terra-de-siena (queimada e não queimada) (foto 24).

Nesta fase, foi colocada a questão se a caiação seria só aplicada sobre os rebocos uma vez que eram perceptíveis inúmeros vestígios de caiações sobre a pedra aparelhada em cunhais e/ou pilastras. Depois de analisado e registado as situações em que tal acontecia, verificou que surgia em casos onde a alvenaria de pedra apresentava um aspecto denteado, embora este não fosse regular. A ausência de um ritmo (como exemplo: uma pedra que fugia do alinhamento vertical de um conjunto) e os inúmeros testemunhos de que a pedra tinha sido caiada levou-nos a pressupor que o aspecto denteado surgia por razões construtivas (de ligação entre as alvenarias). Por outro lado as questões estéticas de apresentação do monumento eram pontualmente corrigidas através da caiação que regularizava todos os cunhais, molduras e pilastras. Perante esta evidência, e depois de realizado um pequeno ensaio, optámos por reaplicar essa solução caiando pontualmente alguns elementos pétreos de forma a permitir uma leitura mais clara do monumento e dos seus conceitos estéticos. O

resultado foi bastante satisfatório tendo sido possível restabelecer uma unidade de leitura e apresentação do Monumento mais coerente e consentânea a com a intencionalidade do artista que a executou (foto 25, 26 e 27).

Foto 25, 26 e 27: Aspecto da caiação onde é ainda perceptível que algumas pedras dos cunhais se encontram caiados. Esta opção permitiu restabelecer uma unidade de leitura e apresentação do Monumento mais coerente

Por último gostaríamos de referir que durante esta intervenção depois dos tratamentos iniciais de limpeza e aplicação de biocida ficou visível uma pequena decoração esgrafitada[11] no remate superior da capela de Santo Amaro (foto 28). O esgrafito de concepção bastante singela foi objecto de atenção especial no decorrer dos trabalhos (foto 29 e 30). Depois de documentados os vestígios esgrafitados foi feita a remoção das argamassas sobrepostas, a consolidação do reboco existente e o preenchimento das lacunas com recurso a argamassas compatíveis com as existentes.

[11] O termo *esgrafito* provém da palavra latina "exgraffiare" e significa arranhar, esgravatar ou esgrafiar. O esgrafito é uma técnica decorativa mural que recorre à incisão com um estilete metálico ou outra ponta aguçada para fazer as linhas de um ornato, removendo, posteriormente, a camada superficial da argamassa enquanto esta está macia de forma a mostrar a coloração da argamassa subjacente. O resultado é um expressivo jogo plástico de claro-escuro e de texturas (baixo-relevo) entre dois ou mais planos paralelos. Sobre a definição do esgrafito veja-se por exemplo Sofia Salema (2003), p. 194 ou José Aguiar (2002), p. 248.

Foto 28: Capela de Santo Amaro antes da intervenção

Foto 29 e 30: Decorações esgrafitadas da Capela de Santo Amaro visíveis depois dos tratamentos iniciais de limpeza e de aplicação de biocida

Contudo, além de algumas lacunas na argamassa de fundo colorida (cor de areia) existiam, ainda, pequenos problemas de leitura do motivo decorativo (geométrico) da camada superficial (de cor branca) ora por ausência material, ora porque a superfície estava contaminada por aguadas de cimento e/ou argamassas bastardas utilizadas em anteriores reparações. A remoção dessas películas de cimento e/ou de cal parda, que cobriam alguns dos esgrafitos com uma película acinzentada ou acastanhada e que alteravam completamente toda intenção cromática e expressiva da decoração esgrafitada, era bastante difícil porque a acção mecânica de remoção introduzia perdas significativas da autenticidade material da superfície.

Embora conscientes que um esgrafito não é uma pintura[12] mas sim uma técnica de reboco colorido à vista e que o objectivo da salvaguarda desta técnica é a conservação do valor da autenticidade material[13], optámos por fazer, além das reintegrações com argamassas de restauro, pequenos retoques cromáticos com uma água de cal na superfície final decorativa

[12] Sofia Salema refere ao facto de muitos dos esgrafitos se encontrarem pintados como uma subversão da técnica de esgrafitar veja-se (2007) p. 171-173 e (2008) p. 30-31.

[13] O conceito de autenticidade é aceite, unanimemente, na comunidade científica e tem tradução nos documentos internacionais de protecção do património. No esgrafitos a autenticidade da matéria tem como pressuposto o respeito pelo valor histórico do revestimento, da sua estratificação, do seu aspecto estético, assim como do valor do testemunho tecnológico, referente ao modo de produção e de execução do esgrafito.

de modo a corrigir a ausência de contraste e dar mais expressividade à leitura decorativa global (foto 30 e 31).

Foto 31 e 32: Esgrafitos após a intervenção de conservação

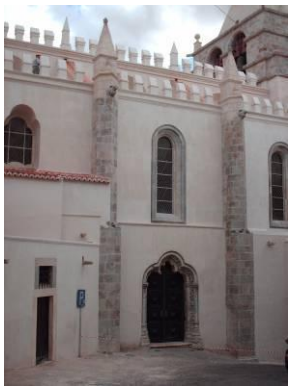

Foto 33, 34 e 35: Aspecto geral das superfícies exterior da Igreja após as intervenções de Conservação

Conclusão

Concluindo, as intervenções que acabamos de descrever podem ser consideradas casos de sucesso e exemplares para futuras intervenções (foto 33, 34 e 35). A metodologia utilizada, a colaboração entre a equipa técnica de conservação e restauro e o coordenador e director de projecto na identificação dos problemas e na definição e procura de soluções, as sinergias criadas pela transdisciplinaridade da equipa, assim como o rigor da execução demonstraram que é possível aprender e conhecer o monumento, as suas técnicas construtivas e materiais utilizados durante o processo de conservação e restauro, assim como fazer uma avaliação e validação contínua ao longo do processo de intervenção das

diferentes opções tomadas. Parece-nos evidente que em casos onde há factores desconhecidos, imprevisíveis, devido ao trabalho específico e ao valor dos materiais, é possível modificar o curso da intervenção e introduzir medidas novas e melhoradas para tomar em consideração que os novos factos e as novas oportunidades de conservar o valor cultural dos históricos.

Referências bibliográficas

AGUIAR, José (2002) - *Cor e cidade histórica, estudos cromáticos e conservação do património.* Publicações FAUP, Porto.

BORGES, Artur Goulart de Melo Borges (2005) - *Igreja de Nossa Senhora da Assunção de Elvas (Antiga Sé)*, estudo encomendado pelo IPPAR e, ainda, não publicado, Évora.

SALEMA, Sofia (2003) - 'A salvaguarda das superfícies arquitectónicas. O exemplo do esgrafitos em Évora'. In *3º Encontro sobre Conservação e Reabilitação de Edifícios*. Vol.I., LNEC, Lisboa.

SALEMA, Sofia (2008) – 'Cor e esgrafito. Saber ver para proteger'. In *Construção Magazine. Revista técnico-científica engenharia civil*, nº25, Maio/Junho, Porto, p. 27-33

SALEMA, Sofia (2007) – 'O esgrafito em Évora'. In *Monumentos*, nº 26 Abril 2007, Lisboa, p. 164-173.

SALEMA, Sofia, PROENÇA, Nuno; CARDOSO, Inês (2008) – 'Conservation of the historical render in the Church of Nossa Senhora da Assunção in Elvas'. In Conservar Património, nº8 Dezembro 2008, Lisboa, p. 39-47.

SILVA, José Custódio Vieira da (2004) - *Igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção de Elvas (antiga Sé). A obra manuelina*, estudo encomendado pelo IPPAR e ainda não publicado, Évora.